

I Jornadas sobre o Desenvolvimento do Alentejo

Alentejo: onde um rio morreu para dar vida a uma terra

A mítica Barragem de Alqueva está, praticamente, concluída. O Porto de Sines é, hoje, uma realidade que se vai impondo pela sua mais valia estratégica para o nosso país e para a nossa região. O Aeroporto de Beja parece ter, finalmente, condições para se tornar realidade. O TGV – comboio de alta velocidade – poderá ser uma realidade a médio prazo, tornando ainda mais curto o espaço e o tempo que nos separa da Europa. Em todos os concelhos alentejanos, a taxa de cobertura das infra-estruturas básicas (água potável, energia eléctrica, saneamento básico, comunicações e acessibilidades) é, actualmente, uma realidade muito positiva. O acesso à saúde, à educação e ao trabalho, apesar dos problemas, vai aumentando. O combate à pobreza é uma realidade presente em praticamente todos os locais onde a qualidade de vida era menos digna. A qualidade ambiental é um valor preservado, nas paisagens natural e humana do Alentejo. As acessibilidades rodoviárias são, hoje, substancialmente melhores enquanto que as telecomunicações estão generalizadas. O turismo é uma indústria em crescimento quase exponencial em quantidade e qualidade. A agricultura começa a desvendar novas dimensões de competitividade no extraordinário vinho alentejano, nos produtos tradicionais e no

futuro regadio. A cultura, a tradição e o património começam a gerar riqueza, uma vez que são, cada vez mais, bens alentejanos que se vendem bem.

De acordo com as ideias anteriores, poderemos, eventualmente, dizer que, no Alentejo, todas as infra-estruturas básicas se encontram asseguradas, facto que nos proporciona uma vida de qualidade e nos proporciona as melhores condições para nos realizarmos profissional e pessoalmente no Alentejo. Se assim é, porque razão o Alentejo perdeu 15447 habitantes entre 1991 e 2001 – momentos em que ocorreram os dois últimos recenseamentos populacionais -? Acontece que este número de pessoas é equivalente ao número de habitantes de todo o concelho de Estremoz.

O que será que torna o Alentejo tão pouco atractivo para as pessoas? Porque continuam as pessoas a abalar do Alentejo em busca de melhores condições de vida? Porque se despovoam o mundo rural? Porque se concentra a população alentejana em cerca de uma dezena de zonas urbanas de média dimensão, enquanto que pequenas vilas e aldeias correm o risco de ficarem completamente esvaziadas. Porque razão existe uma proporcionalidade paradoxalmente inversa entre os milhões de euros – ou de contos – que foram investidos no Alentejo e o seu crescimento populacional?

Exmo Senhor Reitor da Universidade de Évora, estes pensamentos não são de uma pessoa pessimista. O senhor sabe que assim não é, uma vez que me conhece bastante bem. São

apenas os factos relatados por alguém que nasceu, vive e luta, todos os dias, no tal terreno que é a realidade. A dura realidade do Alentejo, particularmente da sua dimensão rural.

Como atrás dissemos, parece que, presentemente, na nossa região, começam a existir todas as infra-estruturas consideradas básicas para o nosso desenvolvimento. No entanto, uma leitura mais atenta dos indicadores existentes e uma observação menos tecnocrática da realidade revela-nos um facto incontornável. Temos, em quantidade e qualidade suficiente todas as infra-estruturas. Todas, menos uma: **a infra-estrutura cultural e educacional das próprias pessoas.**

Na realidade, os níveis de escolarização no Alentejo, apesar do aumento verificado nos últimos anos, continuam bastante abaixo da média portuguesa, para não falar já da média europeia. O nível de analfabetismo é enorme e não existe uma aposta evidente na sua redução significativa; o acesso à cultura é baixíssimo; os níveis de leitura são, em algumas zonas, quase nulos (de acordo com notícia recente, publicada pelo Diário do Sul, existem localidades no Alentejo onde não se lê um único jornal); não existe um hábito de formação e actualização profissional, a qual é reduzida e acontece, quase exclusivamente, no início da actividade profissional; não existe tradição de educação comunitária, através da qual as pessoas tenham

oportunidade de desenvolver o hábito e o gosto pela aprendizagem ao longo da vida.

Face a tal cenário, temos perante nós, nas próximas décadas, uma grande infra-estrutura para construir no Alentejo: proporcionar a todos os alentejanos as mesmas oportunidades de acesso à Cultura, à Educação e à Formação, que os restantes cidadãos europeus possuem. A nossa bitola não pode, nem deve, ser outra.

É chegada a hora de compatibilizar o investimento no betão com o investimento nas pessoas. **As pessoas que, como cada vez é mais evidente, são o património mais importante de qualquer local.** No Alentejo, não fugimos a esta regra. Se é verdade que as Ruínas de S. Cucufate, na Vidigueira, a vila Medieval de Monsaraz, o Templo Romano, em Évora, os vestígios árabes, em Mértola, o Paço Ducal de Vila Viçosa, entre muitos outros exemplos, se assumem como um património absolutamente fundamental do Alentejo, também consideramos que não serão menos importantes os cerca de meio milhão de pessoas que povoam esta região imensa e que, de Porto Covo a Barrancos, de Almodôvar ao Gavião, em Évora ou em S. Miguel de Machede continuam a tentar construir as condições necessárias para que possam ser felizes no Alentejo.

Falar e discutir o Desenvolvimento do Alentejo também é falar destas coisas.

É com enorme satisfação que o ODA-Observatório do Desenvolvimento do Alentejo concretiza, hoje, as I Jornadas

sobre o Desenvolvimento do Alentejo. O tema que nos reúne neste dia de trabalho – **lógicas de desenvolvimento e estratégias de qualificação e formação** – pareceu-nos ser o mais óbvio para estas I Jornadas. Trata-se, no fundo de reflectirmos acerca dessa tal infra-estrutura básica a que já nos referimos.

Neste momento em que se iniciam os trabalhos destas I Jornadas, queremos apresentar, publicamente, os nossos agradecimentos aqueles que nos disponibilizaram a sua colaboração nesta organização.

À **Dra. Catarina Cid**, do secretariado da Pró-Reitoria, pelo seu empenho e dedicação e pelas – intermináveis – horas extra-horário e não extraordinárias, atendendo ao período de contenção orçamental que vivemos;

Ao **Sr. Jorge Oliveira e à Fundação Luís de Molina**, pelo seu extraordinário trabalho na criação da imagem gráfica do Observatório e dos respectivos materiais;

Aos **Serviços de Computação da Universidade de Évora**, nas pessoas do seu responsável, Eng^o Godinho e do técnico Fernando Palma, pelo seu empenho e disponibilidade constante;

Ao **Diário do SUL**, pela colaboração institucional;

À **comunicação social**, pelo acolhimento que deu à nossa iniciativa;

A todos os convidados presentes nestas I Jornadas;

A todos os participantes

Final

O Guadiana parou. A praia da Carraça desaparece, lentamente, dia após dia; o velho moinho de água já não se avista; um espelho imenso começa a nascer na planície devolvendo ao céu aquilo que o céu lhe oferece; as terras, outrora ressequidas pela calma persistente de estios imensos e impiedosos, ficam submersas. Curioso este destino alentejano, que hoje alaga aquilo que sempre enxugou.

O Guadiana parou. O Castelo da Lousa que se habitou a olhar, sobranceiro, as águas que se apressavam para o mar, assiste, impotente, às últimas alvoradas sentindo aproximar-se, implacável, o último pôr do sol. Curioso este destino alentejano, que hoje esconde aquilo que sempre mostrou.

O Guadiana parou. As passadeiras do Pulo do Lobo já não falam, como outrora, com aqueles que as atravessam; ao Pomarão já não chegarão as chuvas de Juromenha; em Mértola deixarão de desaguar as novidades de Monte Juntos. Curioso este destino alentejano, que hoje separa o que sempre uniu.

O Guadiana parou. Em Vila Real de Santo António, o Atlântico vencerá o Alentejo, numa luta em que o sal ganhará ao pó. Curioso este destino alentejano em que a água vence a terra.

O Guadiana parou; as águas vão deixar de serpentear por entre as searas e começarão a encostar-se numa preguiça mortal.

Curioso este destino alentejano, que hoje pára aquilo que sempre correu na planície.

O Guadiana parou. O Guadiana vai morrer, oferecendo a própria vida pela vida do Alentejo. Curioso este destino alentejano, que sacrifica um dos seus filhos mais fiéis.

O Guadiana morreu. Para que o Alentejo viva...